

A GALÁXIA DA INTERNET: REFLEXÕES SOBRE A INTERNET, OS NEGÓCIOS E A SOCIEDADE.

FELIPE STRIBE DA SILVA

Graduado em Direito pelo Centro Universitário Franciscano, Pós-Graduando em Temáticas Emergentes em Direito e Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Centro Universitário Franciscano e em Ciências Penais pela Universidade Anhuera-UNIDERP, pesquisador com ênfase em temas jurídicos e tecnológicos, Membro do Grupo de Pesquisa Teoria Jurídica no Novo Milênio.

DIEGO BASTOS BRAGA

Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA)

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).

Trata-se de uma obra onde o autor da trilogia sobre a “Era da Informação” trata do tema específico da Internet, trabalhando com ela como um meio de comunicação que alterou profundamente as relações sociais na atualidade, numa clara referência a Marshall McLuhan e sua obra a “Galáxia de Gutemberg”.

Castells afirma que a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos em um momento específico e em escala global, e constitui uma transformação nas mais diversas relações sociais pela utilização de um novo meio de comunicação (p. 08). Assim como a difusão da imprensa móvel (Gutemberg) transformou a modernidade ele defende que a Internet transformou a contemporaneidade.

Como a prática da humanidade é baseada na comunicação, e a Internet invariavelmente transformou a forma como os indivíduos se comunicam, ela acabou por transformar profundamente a vida dos atores sociais e em consequência disso pode-se afirmar que a rede mundial de computadores é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda a uma série de resultados sociais potenciais (p. 10).

Essa compreensão não se trata de uma utopia nem tão pouco distopia, mas sim na compreensão de que a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de

comunicação específico, que deve ser devidamente compreendido, se de alguma forma pretender-se mudar a realidade (p.11).

No primeiro capítulo da obra o autor faz uma completa retomada histórica da origem da Internet, inclusive como forma de justificar a sua visão da “cultura na rede”, pois a produção histórica de uma dada tecnologia molda seu contexto e seus usos de modos que subsistem além de sua origem, e a Internet não é exceção a essa regra (p. 13).

Após uma análise da origem da ARPANET, do UNIX e de diversos outros fatos históricos, como o envolvimento das forças armadas americanas, dos Hackers e das grandes corporações, o autor conclui que a Internet nasceu basicamente da reunião da *big Science* (representando o papel das Universidades e Centros de Estudos) da pesquisa militar (representada pela agência ARPA, vinculada ao Ministério da Defesa Americano) e da cultura Libertária (representada pelos indivíduos atualmente denominados Hackers, que eram estudantes provindos dos campi universitários nos anos 60).

Enfim, o que sobressai deste apanhado histórico é que a Internet se desenvolveu num ambiente seguro, propiciado por recursos públicos e pesquisa orientada para uma missão, mas que não sufocava a liberdade de pensamento e inovação (p. 24).

A partir dessas diversas contribuições, surgiu uma Internet cuja feição mais característica era a abertura, tanto em sua arquitetura técnica quando em sua organização social/institucional (p. 26).

No segundo capítulo, o autor começa a traçar a estrutura que ele denomina “cultura da Internet” uma vez que os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos, inicialmente ele refere que a produção social é estruturada culturalmente e a internet não é exceção, desse modo à cultura dos produtores da Internet moldou o meio (p. 34).

Basicamente Castells aponta que a cultura da Internet apresenta-se em quatro camadas:

A primeira delas, que ele denomina de “tecnoelites”, essa camada enraíza-se na tradição acadêmica do exercício da ciência, da reputação por excelência acadêmica, do exame dos pares e da abertura com relação a todos os achados de pesquisa, com o devido crédito aos autores de cada descoberta (p. 37).

A segunda camada, é a denominada “cultura Hacker”, enfim, os Hackers são os atores na transição de um ambiente de inovação acadêmica, institucionalmente construído, para o surgimento de redes auto-organizadas que escapam a um controle organizacional (p. 38).

A terceira são as comunidades virtuais, essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social, estas comunidades apresentam duas características fundamentais, elas permitem uma comunicação livre e horizontal e permitem que cada pessoa encontre a sua própria destinação na net (formação autônoma das redes).

A quarta camada, seriam as empresas e as grandes corporações que tem um importante papel no funcionamento da rede das redes, em especial após a sua privatização em meados da década de 90.

Por fim, neste segundo capítulo o autor espanhol traça como estas 04 (quatro) camadas da Internet se relacionam produzindo uma cultura essencialmente da rede (p. 53).

No terceiro capítulo da obra, após uma análise pormenorizada dos negócios eletrônicos e de uma nova economia surgida a partir da quarta camada da cultura da Internet, ele passa a traçar o perfil do novo empreendedor e conseqüentemente das novas formas empresariais surgidas na Internet, à chamada “empresa em rede” (p. 58).

Já no quarto capítulo da obra o autor prende seu foco nas novas formas de sociabilidade surgidas em meio ao nascedouro e consolidação da Internet, em especial realizando um contraponto entre as comunidades virtuais e o individualismo em rede, como possibilidades de transformações das relações sociais pela nova forma de comunicação.

Assim ele entende que os indivíduos estão de fato reconstruindo o padrão da interação social, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova forma de sociedade: a sociedade em rede (p. 111).

Nos quinto e sexto capítulos ele traça o que denomina de política da Internet:

Em primeiro lugar, ele analisa como as redes de computadores alteram as relações na sociedade civil e entre esta e o Estado, uma vez que a Internet esta se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade.

Em segundo lugar, quanto às relações entre privacidade e liberdade na rede em face do Estado ele afirmar que nos primeiros anos pensou-se que a Internet prenunciava uma nova era, a liberdade de expressão poderia se difundir através do planeta, sem depender da mídia de massa, uma vez que muitos poderiam interagir com muitos de maneira irrestrita.

Por outro lado, a privacidade era protegida pelo anonimato da comunicação na Internet e pela dificuldade de investigar as origens e identificar o conteúdo de mensagens transmitidas com o uso de protocolos da Internet (p. 139).

Por outro lado, os fundamentos da liberdade na Internet poderiam ser, e estão sendo de fato, desafiados por novas tecnologias e regulações.

Contudo a aplicação de software pode ser superpostas em camadas a protocolos da Internet, tornando possível identificar rotas de comunicação e conteúdo, igualmente, com o uso da tecnologia é possível violar a privacidade, e uma vez que se torna possível relacionar indivíduos com processos específicos de comunicação em contextos institucionais específicos, todas as formas tradicionais de controle político e organizacional podem ser lançadas sobre o indivíduo em rede (p. 140).

Contudo, novas tecnologias de liberdade estão sendo oposta a essas tecnologias de controle, a sociedade civil chega às trincheiras de novas batalhas pela liberdade (p. 141).

Em conclusão, deve-se pensar em um desarmamento mútuo, assegurado numa reestruturação da confiança recíproca.

Na verdade em vez de a Internet ser usada pelos governos para vigiar os seus cidadãos, ela poderia ser utilizada na forma contrária, pelos cidadãos para que eles vigiem o seu governo, participando da tomada de decisão, de baixo para cima, enfim a menos que os governos parem de temer seu povo, e, por conseguinte a Internet, a sociedade recorrerá mais uma vez às barricadas para defender a liberdade e a privacidade, o que sinalizará impressionante continuidade histórica (p. 152).

No sétimo capítulo, Manuel Castells, trata da importância dos códigos comunicacionais surgidos a partir das convergências entre a sociedade e a rede, concluindo por delegar um papel fundamental a arte com as possibilidades multimídia de difusão das manifestações culturais que a Internet trouxe.

A arte sempre foi um construtor de pontes entre as expressões diversas, contraditórias, da experiência humana e mais do que nunca, esse poderia ser o seu papel fundamental numa cultura caracterizada pela fragmentação e potencial não comunicação de códigos, uma cultura onde a multiplicidade de expressões pode de fato solapar o compartilhamento. Por sugerir, através de uma ironia que desarma ou de pura beleza, que ainda somos capazes de estar juntos, e ter prazer com isso. A arte, cada vez mais uma expressão híbrida de materiais virtuais e físicos, pode ser uma ponte cultural fundamental entre a Net e o eu (p. 168).

No oitavo capítulo o autor desconstrói o mito de que a Internet significou o fim da geografia, delimitando a geografia da própria rede para posteriormente tratar das transformações da geografia física motivadas pelo avanço da Internet.

De fato a Internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares, e como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar, enfim ela redefine distâncias, mas não cancela a geografia.

Após ele trata especificamente da geografia da própria internet, de onde se sobressai à centralidade de algumas localidades para a Internet, e posteriormente das influências das tecnologias de informação e comunicação sobre a transformação espacial de cidades e regiões (p. 170).

Por fim, no nono capítulo o autor trabalha com a questão da divisão social, motivada pelo acesso/falta de acesso a Internet, decorrente da centralidade da Internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política, e que equivale à marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, ou ainda, para os que são incapazes de usa-la eficazmente.

A diferença entre os que têm e os que não têm Internet acrescenta uma divisão essencial às fontes já existentes de desigualdade e exclusão social, numa interação complexa que parece aumentar a disparidade entre a promessa da Era da Informação e sua sombria realidade para muitos em todo o mundo (p. 203).

Ainda, o autor analisa a questão sob dois enfoques, em primeiro lugar sobre o enfoque dos significados do termo divisão social, e em segundo lugar faz uma análise dessa mesma divisão social em uma escala global e conclui afirmando que o novo modelo de desenvolvimento requer saltos superando a divisão digital planetária.

Em conclusão e retomando o início da exposição como a comunicação é à essência da atividade humana, todos os domínios da vida social estão sendo modificados pelo uso disseminado da Internet, como documentado na obra resenhada (p. 225).

Contudo podem ser ainda evidenciados desafios não respondidos pela Era da Informação e, segundo pontuado pelo autor eles caracterizam-se em um desafio de liberdade, no sentido de delimitar quem possui e controla o acesso à rede, ainda, na questão da exclusão das redes, que distingue os seres não mais entre norte/sul como no século passado, mas sim entre conectados/não conectados, e, por fim, a questão do estabelecimento da capacidade de processamento de informação e gerenciamento de conhecimento em cada ser, questão que passa certamente pela educação para a Era da Informação.

Enfim aqueles que se pretendem alheios à era da informação, devem ter a exata noção de que, se eles não se interessam pela rede das redes, certamente ela (entendido como os que a controlam) se interessa por eles.

Recebido em: 23.11.2012

Revisado em: 26.02.2013

Aprovado em: 02.03.2013